



# ÊXTASE RELIGIOSO EM PERSPECTIVA ESPÍRITA: CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS E INVESTIGATIVAS

*Religious ecstasy from a Spiritist perspective: methodological and investigative contributions*

Antônio Carlos Coelho\*

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

DOI: 10.29327/256659.16.2-7

## RESUMO:

Inserida no cenário científico e filosófico do século XIX, marcado pelo positivismo, pelo racionalismo cartesiano e pelo empirismo baconiano, a codificação espírita é analisada neste artigo como um corpo doutrinário capaz de oferecer metodologias investigativas para a compreensão do êxtase religioso. Metodologicamente, o estudo fundamenta-se em revisão bibliográfica e em reflexões teóricas sobre experiências como sonho, sonambulismo, êxtase e mediunidade, propondo parâmetros comparativos que dialogam com questões posteriormente desenvolvidas pela fenomenologia da religião. Os achados sugerem que a teoria espírita, ao integrar observação empírica, reflexão racional e dimensão experiencial, pode ser compreendida como um caminho original para a fenomenologia do êxtase, trazendo aportes relevantes ao campo interdisciplinar dos estudos da religião.

**Palavras-chave:** Diálogo; Investigação; Análise; Kardecismo; Experiência.

---

\* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). E-mail: [antoniocoelho.mil@gmail.com](mailto:antoniocoelho.mil@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

No cenário intelectual do século XIX, marcado pela confiança na razão e na experiência, também se discutiam as dimensões do espírito e do sagrado. Nesse contexto, o professor francês Hyppolite Léon Denizard Rivail (1804-1869), doravante tratado pelo seu pseudônimo Allan Kardec, destacou-se como um dos primeiros a propor uma investigação científica dos fenômenos mediúnicos, elaborando uma sistematização inédita das manifestações do mundo espiritual e examinando a influência de inteligências imateriais — os chamados Espíritos — sobre a vida humana.

A relevância deste estudo reside na possibilidade de ressignificar a produção teórica kardequiana dentro da fenomenologia da religião, reconhecendo suas potencialidades e limites como instrumento analítico para compreender variadas formas de experiência religiosa. Nesse horizonte, o objetivo do artigo é analisar a codificação espírita enquanto corpo doutrinário que oferece elementos metodológicos relevantes para a compreensão da fenomenologia do êxtase, destacando como suas categorias — mediunidade, sonambulismo e desprendimento da alma — podem ser mobilizadas para investigar o êxtase religioso em suas dimensões subjetiva (vivência individual do sujeito) e coletiva (rituais, práticas compartilhadas e manifestações grupais), permitindo uma análise abrangente do fenômeno.

O artigo organiza-se em três tópicos complementares. No primeiro, “**Êxtase religioso: aproximações conceituais em diálogo com teoria espírita**” analisamos o êxtase como fenômeno que transcende métodos formais, manifestando-se também nas experiências que marcam a vida pessoal.

No segundo, “**Êxtase, mediunidade e sonambulismo: distinções analíticas na leitura kardequiana**” examinamos como Kardec sistematiza e diferencia esses estados de consciência. Por fim, em “**A codificação espírita e a fenomenologia: análise de experiências e práticas religiosas**” discutimos como a codificação espírita, ao articular empiria, razão e experiência vivida, oferece contribuições singulares para a fenomenologia do êxtase e para o debate interdisciplinar.

O conjunto de obras kardequianas que classificam fenômenos como sonambulismo, êxtase, alucinação e mediunidade não apenas organiza categorias internas ao espiritismo, mas também fornece parâmetros comparativos com relevância para os estudos da religião no século XX.

## **ÊXTASE RELIGIOSO: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS EM DIÁLOGO COM TEORIA ESPÍRITA**

Experiência, corpo, sentimento e êxtase constituem elementos centrais do campo espiritual, mediando apropriações e relações com diferentes visões de mundo. Investigar o êxtase — termo que vem do grego *ek-stasis* (“sair de si”) — mostra-se, portanto, relevante, pois permite compreender tanto sua dimensão individual quanto a coletiva.

As práticas metodológicas inspiradas na teoria espírita e na fenomenologia da religião oferecem instrumentos para analisar tais vivências de modo sistemático e contextualizado, revelando os processos que estruturam e potencializam o fenômeno no cenário contemporâneo.

A experiência extática figura entre os fenômenos mais complexos do sagrado, mobilizando reflexões que atravessam a filosofia, a psicologia, a sociologia e a antropologia. Trata-se de um estado marcado pela suspensão da consciência ordinária e pelo contato direto com o divino, seja este compreendido como divindade, energia, espírito ou princípio transcendente.

Ao longo da história, diferentes tradições descreveram esse arrebatamento religioso de formas diversas. Nas místicas cristãs, manifesta-se como união íntima com Deus; no sufismo, como fusão amorosa com o Absoluto; nas tradições africanas, como transe e incorporação de entidades espirituais. Cada uma dessas manifestações oferece pistas sobre como o êxtase se apresenta e é interpretado em contextos culturais distintos.

O transe extático representa um dos momentos mais sublimes da vivência religiosa, caracterizado pela hierofania — contato direto com o Divino e arrebatamento em relação ao cotidiano — e capaz de desencadear mudanças profundas tanto no plano individual quanto no social. Ele desempenha papel central na continuidade ritualística e na organização simbólica das comunidades, reforçando vínculos coletivos e potencializando processos de transformação cultural e espiritual.

Ao mesmo tempo, os corpos em êxtase são construções culturais, refletindo os conteúdos de crenças e a organização ritual de cada tradição. Compreender uma prática espiritual, portanto, exige analisar as formas como a prática corporal do êxtase se manifesta, revelando como sua dimensão física se conecta com crenças, práticas e sentidos coletivos, estruturando a visão de mundo da comunidade.

O mosaico desse fenômeno observado nas tradições culturais encontra eco em abordagens teóricas clássicas. Por exemplo, William James (1842–1910), em *As variedades da experiência religiosa* (1992), entende a religião como vivência subjetiva, na qual experiências de êxtase constituem momentos de intenso contato com o sagrado.

Sua pesquisa concentra-se nos estados mentais e sentimentos associados à religião, não nas instituições organizadas. Para ele, a vivência religiosa está ligada ao sentimento imediato do indivíduo. Estas ocorrências podem ser discretas, como senso íntimo de bem-estar ou confiança no divino, ou radical, como momentos de conversão que transformam toda a existência da pessoa. Essa perspectiva dialoga com a análise histórica das tradições, evidenciando que a intensidade da experiência de fé varia — ora sutil, ora drástica —, mas sempre deixa marcas profundas no indivíduo.

Ao analisar a diversidade da prática religiosa, o autor ressaltou os estados alterados de consciência e sua força transformadora na vida prática. Esse ponto de vista dialoga diretamente com a investigação de Allan Kardec apresentada em *O Livro dos Médiuns* (2020), segundo a qual a mediunidade, embora constitua uma experiência profundamente pessoal, carrega implicações éticas, morais e sociais.

A teoria espírita, segundo Kardec (2020), o médium não apenas vivencia um processo de autotransformação, mas também influencia sua comunidade, promovendo reflexões, comportamentos e atitudes que podem ampliar valores de solidariedade, responsabilidade e compreensão espiritual. Dessa forma, a mediunidade se configura como um espaço de aprendizagem contínua, no qual o contato com dimensões espirituais potencia a consciência ética do indivíduo e reforça a interconexão entre experiência interior e impacto social.

A mediunidade, dentro dos movimentos que fomentaram investigações acerca dos fenômenos psíquicos, pode ser compreendida como uma forma específica de experiência ampliada da consciência, na qual o indivíduo percebe realidades além do plano físico. Nesse sentido, aproxima-se do êxtase religioso ao compartilhar características fundamentais: despreendimento parcial da consciência comum, intensificação das percepções internas e sensação de contato com uma dimensão transcendente.

Enquanto o êxtase religioso é muitas vezes descrito em termos de manifestação mística ou espiritual intensa, a mediunidade, segundo a metodologia investigativa da codificação kardeciana, permite que essas vivências ocorram com maior controle e clareza, podendo incluir comunicação com Espíritos, inspiração ou intuições profundas, sem que haja

perda total da consciência do corpo físico. Assim, ambas as ocorrências se encontram na esfera do sagrado, do extraordinário e do contato com o outro transcendental, embora com nuances distintas de manifestação e interpretação.

Enquanto James (1992) foca na dimensão subjetiva da experiência religiosa, Mircea Eliade (1907–1986), em *O Sagrado e o Profano* (1992), interpreta o êxtase como uma manifestação concreta do sagrado no mundo, ou hierofania, na qual o transcendente se revela na experiência humana. Elas podem ocorrer em ritos, símbolos, lugares ou mesmo em experiências pessoais que revelam ao ser humano uma realidade além da vida cotidiana. Assim, mesmo um simples objeto, gesto ou momento pode adquirir uma dimensão transcendente e impactar profundamente o indivíduo.

A descrição do êxtase xamânico, por Eliade (1992), como uma ascensão e viagem cósmica aproxima-se da concepção espírita de emancipação da alma, conforme apresentada em *O Livro dos Espíritos* (2013). Para a teoria espírita, mesmo estando encarnado, o espírito (alma) pode afastar-se parcialmente do corpo e interagir com outras dimensões.

Essa concepção encontra fundamento na perspectiva espírita, que investigou os fenômenos mediúnicos e enfatiza a possibilidade de que tais vivências constituam formas de contato com realidades além da materialidade imediata, conforme indicado na questão 409:

Doutras vezes, num estado que ainda não é bem o do adormecimento, estando com os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras cujas mínimas particularidades percebemos. Que há aí, efeito de visão ou de imaginação? R. **Estando entorpecido o corpo**, o Espírito trata de desprender-se. Transporta-se e vê. Se já fosse completo o sono, haveria sonho (Kardec, 2020, p. 220).

Nesse estado, o corpo encontra-se entorpecido e relaxado, em um limiar entre vigília e sono, permitindo que a alma se desprenda parcialmente. Dessa forma, o indivíduo pode se transportar e perceber realidades ou presenças em outras dimensões espirituais. Se o sono estivesse completo, o que ocorreria seria o sonho propriamente dito — também uma forma de desprendimento da alma, porém em estágio mais profundo.

Para Émile Durkheim (1858–1917), em *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália* (1996), o êxtase religioso é um fenômeno coletivo e social. Ele interpreta esses estados como manifestações da força das crenças coletivas, que estruturam a consciência do indivíduo e reforçam a coesão social. Assim, o arrebatamento místico não se limita a uma vivência subjetiva, mas funciona como um mecanismo pelo qual a sociedade se

projeta sobre o indivíduo, proporcionando sentimentos de intensidade, presença do sagrado e reorganização das normas internas.

*O Livro dos Espíritos* (2013), nas questões 400 a 409, apresenta teorias desenvolvidas a partir da investigação de manifestações mediúnicas, nas quais o êxtase ou desprendimento parcial do corpo é descrito como uma forma de emancipação da alma. Nessa condição, o espírito permanece ligado ao corpo físico, mas se eleva e interage com dimensões espirituais superiores. A experiência possui caráter tanto individual quanto transcendente, permitindo aprendizado, evolução moral e a compreensão de realidades que extrapolam a existência material.

O paralelo surge justamente na função transformadora da experiência. Para Durkheim (1996), o êxtase reforça laços sociais e valores coletivos. Segundo Kardec (2013), a emancipação da alma reforça valores morais e o crescimento espiritual do indivíduo. Em ambos os casos, o êxtase é um estado alterado de consciência que promove mudança, seja na percepção do indivíduo frente à sociedade, seja na relação do Espírito com o plano espiritual.

Ao tratar da relação do ser humano com o divino, percebe-se que não se trata de algo uniforme, mas de um verdadeiro mosaico de experiências. A diversidade religiosa abrange desde vivências sutis — como percepções internas, sentimentos de paz, inspirações ou intuições — até experiências intensas, transformadoras ou mesmo traumáticas, nas quais o indivíduo acredita ter estabelecido um contato direto com uma realidade transcendente.

A ideia central do tópico é mostrar que o fenômeno religioso não se restringe apenas a práticas formais (ritos, dogmas, instituições), mas também se manifesta nas experiências subjetivas que deixam marcas profundas na vida pessoal. Esse contato com o transcendente pode moldar valores, alterar visões de mundo e influenciar comportamentos, justamente porque se apresenta como algo maior que a própria racionalidade cotidiana.

O êxtase religioso revela-se como fenômeno multifacetado, marcado pela tensão entre experiência individual e dimensões coletivas. Ele manifesta-se em estados sutis ou intensos de consciência, deixando marcas profundas na vida pessoal e na organização social. As análises de James (1992), Eliade (1992) e Durkheim (1996) permitem compreender suas dimensões psicológica, simbólica e social, enquanto a perspectiva espírita de Kardec acrescenta uma dimensão ética e pedagógica. Assim, o êxtase não apenas aproxima o indivíduo do transcendente, mas também orienta práticas de aprimoramento moral e desenvolvimento coletivo.

## **ÊXTASE, MEDIUNIDADE E SONAMBULISMO: DISTINÇÕES ANALÍTICAS NA LEITURA KARDEQUIANA**

A busca pelo sentido último da vida caracteriza o *homo religiosus* (Eliade, 2002), pois a experiência do sagrado se manifesta como revelação do real — encontro com aquilo que salva, orienta e confere significado à existência. A pluralidade de símbolos, mitos, ritos e doutrinas, presentes desde as culturas antigas até os contextos contemporâneos, revela a complexidade dessa experiência.

Marcada pela presença do *mysterium* (Otto, 2007), essa diversidade desafia o pesquisador ou o cientista da religião a articular razão e espiritualidade, inteligência e sensibilidade, no esforço de compreender a universalidade da religiosidade.

Nesse horizonte, a pesquisa de Allan Kardec contribui para a compreensão da transcendência ontológica, ao afirmar que “todos os Espíritos são os seres inteligentes da Criação. Eles povoam o Universo, além do mundo material” (Kardec, 2013, p. 80). Essa perspectiva reconhece a existência de uma realidade suprasensível articulada ao plano material e sustenta a hipótese de um fundamento metafísico da experiência humana.

Metodologicamente, Allan Kardec tratava as comunicações mediúnicas como dados empíricos, avaliados por critérios de coerência racional, relevância ética e validação intersubjetiva. Esse princípio foi formalizado no controle universal do ensino dos Espíritos, que buscava garantir a legitimidade das mensagens pela convergência independente de médiuns em diferentes contextos.

Nessa perspectiva, o êxtase religioso ocupa lugar central: descrito por Eliade (1992) como ascensão e viagem cósmicas, é reinterpretado pelos princípios fundamentais do espiritismo como emancipação da alma em estados de desprendimento parcial do corpo (Kardec, 2013). Essa leitura evidencia o êxtase como fenômeno universal e, ao mesmo tempo, como experiência específica da doutrina espírita, distinguindo-o da mediunidade.

A luz do *O Livro dos Espíritos* (2013), a mediunidade manifesta-se como um fenômeno que transcende a vivência individual do médium, configurando-se como um elo entre o Espírito, o médium e a comunidade ao seu redor, refletindo tanto a experiência interior quanto suas implicações éticas e sociais.

O princípio da mediunidade é uma experiência humana presente em diversas sociedades ao longo da história. Pode ser definido como uma situação em que um indivíduo,

posteriormente denominado médium (Kardec, 2013), alega estar em comunicação com, ou sob a influência de, uma personalidade desencarnada ou outro ser não material.

Conforme a questão 49 de *O Livro dos Espíritos* (2013), “os Espíritos se comunicam por meio dos médiuns, que lhes servem de instrumentos e de intérpretes” (Kardec, 2013, p. 46), ressaltando o papel do médium como intermediário, um interlocutor entre o mundo físico e as dimensões espirituais.

Essa interligação se materializa nas reuniões mediúnicas, nas quais a comunicação com os Espíritos não é apenas vivida internamente pelo médium, mas reflete-se na orientação moral, na inspiração coletiva e na transformação da comunidade, demonstrando que o êxtase mediúnico é simultaneamente experiência pessoal e prática social estruturante (Kardec, 2012; 2013).

No entanto, é importante esclarecer que a capacidade mediúnica, presente em todos os seres humanos, demonstra que o numinoso (Otto, 2007) — a experiência do sagrado e do transcendente — não se limita a grupos ou indivíduos especiais, mas constitui uma dimensão relevante da experiência humana em geral. Essa faculdade atua como ponto de encontro entre o mundo interior do sujeito e realidades que o transcendem, proporcionando sentido, orientação e contato com esferas superiores.

Essa competência encontra respaldo no *item 12, cap. XXIV, do O Evangelho Segundo o Espiritismo* (2009), que enfatiza que a,

mediunidade é inerente a uma condição orgânica, de que todos podem ser dotados, como a de ver, ouvir e falar. Não há nenhuma de que o homem, em consequência do seu livre-arbítrio, não possa abusar. Deus outorgou as faculdades ao homem, dando-lhes a liberdade de usá-las como quiser, mas pune sempre aqueles que delas abusam (Kardec, 2009, p. 218).

A mediunidade como uma faculdade inerente à condição humana manifesta-se em qualquer indivíduo, ainda que em graus diversos. Historicamente, essas experiências assumiram múltiplas formas de expressão, sendo mediadas por oráculos, profetas, xamãs, pajés e outros intermediários religiosos, presentes em sociedades, culturas e tradições variadas, como as greco-romanas, judaico-cristãs, islâmicas, hindus e budistas tibetanas.

Esta diversidade evidencia não apenas a universalidade do fenômeno do ser humano, mas também sua capacidade de adaptação a diferentes contextos socioculturais, estabelecendo um elo entre o indivíduo e o transcendente que se perpetua até os dias atuais

como nos: católicos carismáticos, evangélicos pentecostais, espíritas, espiritualistas e religiões de matrizes indígenas ou africanas.

Nos cultos católicos carismáticos e evangélicos pentecostais, observam-se fenômenos como glossolalia, profecias e curas, frequentemente interpretadas como manifestações divinas. A glossolalia refere-se à fala em línguas desconhecidas; as profecias consistem em mensagens inspiradas atribuídas ao Espírito Santo; e as curas envolvem a restauração da saúde física ou emocional por meio de oração e imposição de mãos (Atos 2; 1 Coríntios 12–14).

À luz da codificação espírita, tais fenômenos podem ser compreendidos em analogia ao sonambulismo lúcido, descrito por Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos* (2013) e em *O Livro dos Médiuns* (2020). Nesse estado, o espírito do próprio indivíduo se desprende parcialmente da matéria, sem chegar ao desligamento completo da morte, mas adquirindo uma relativa independência do corpo.

Esse fenômeno caracteriza-se por um processo de emancipação da alma em relação ao corpo físico, que se apresenta de maneira mais ampla e consistente do que o sonho comum. Nesse estado, o espírito experimenta maior autonomia para mobilizar suas faculdades, como a clarividência, bem como a possibilidade de estabelecer comunicação com outros Espíritos. Tal manifestação revela a relativa independência entre espírito (alma) e matéria, evidenciando que a mente pode operar de modo dissociado da atividade cerebral.

Ao considerar os fenômenos como glossolalia, profecias e curas e suas especificidades, a partir da teoria espírita, observa-se que, ainda que relacionados à capacidade mediúnica de cada indivíduo, eles se configuram como formas de êxtase marcadas pelo desprendimento parcial da consciência.

Nesses estados, observa-se um alargamento das percepções internas, sem que necessariamente ocorra comunicação com entidades espirituais externas. Em outras palavras, trata-se de modos diferenciados de funcionamento psíquico, frequentemente classificados como “estados alterados de consciência” (Zangar; Maraldi; Martins e Machado, 2013, p. 423). Tais experiências podem incluir sensações de desprendimento do corpo, intensificação de percepções sensoriais e *insights* intuitivos, aproximando-se de definições clássicas de êxtase religioso.

É imperioso esclarecer essa distinção, pois a mediunidade, por sua vez, envolve a comunicação deliberada entre um médium e Espíritos. Em *O Livro dos Médiuns* (Kardec, 2020),

são descritas formas específicas, como psicografia, psicofonia e incorporação, cada uma com características próprias de transmissão e interpretação da mensagem espiritual.

Os chamados estados alterados de consciência constituem uma categoria analítica importante para compreender fenômenos religiosos e espirituais. De acordo com Zangar, Maraldi, Martins e Machado (2013), tais estados caracterizam-se por uma reorganização transitória da experiência subjetiva e dos processos cognitivos, produzindo formas de percepção e vivência distintas da consciência ordinária.

Nessas condições, há um alargamento das faculdades internas, nem sempre acompanhado de comunicação com entidades espirituais externas. Essa definição permite enquadrar manifestações como o transe, a glossolalia e o êxtase em um espectro mais amplo de modos de funcionamento psíquico, preservando sua especificidade cultural e simbólica.

No contexto da teoria espírita, a noção de estados alterados de consciência auxilia a distinguir fenômenos de inspiração interna ou emancipação da alma daqueles de natureza mediúnica, nos quais há efetivamente interação com Espíritos desencarnados. Embora semelhantes em sua fenomenologia — como a modificação parcial do estado ordinário da consciência, a ampliação perceptiva e a experiência de realidades suprassensíveis —, tais estados não se confundem com a mediunidade. Essa chave interpretativa fortalece o esforço metodológico kardequiano de diferenciar experiências psíquico-espirituais internas daquelas que pressupõem comunicação intersubjetiva entre encarnados e desencarnados, evitando confusões conceituais tanto na análise comparativa entre tradições quanto na investigação de campo.

A relevância dessa diferenciação fica evidente nas próprias questões elaboradas por Allan Kardec. Na questão 223-1<sup>a</sup>, ao tratar do estado do médium durante o exercício de sua faculdade, observa-se que:

223-1<sup>a</sup>. [...]. R. Está, às vezes, num estado, mais ou menos acentuado, de crise. É o que o fadiga e é por isso que necessita de repouso. Porém, habitualmente, seu estado não difere de modo sensível do estado normal, sobretudo se se trata de médiuns escreventes (Kardec, 2020, p. 228).

Na sequência, a questão 223-2<sup>a</sup> esclarece a distinção entre comunicações internas e externas:

R. A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro. **Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito.** Tendes a prova disso nas visitas que vos fazem as almas de pessoas vivas, as quais muitas vezes se comunicam convosco pela escrita, sem que as chameis. Porque, ficai sabendo, entre os Espíritos que evocais, alguns há que estão encarnados na Terra. Eles, então, vos falam como Espíritos, e não como homens (Kardec, 2020, p. 228).

A leitura combinada dessas questões evidencia categorias metodológicas úteis: diferenciar crises psíquico-físicas e estados de normalidade, bem como mensagens de origem interna e externa. *O Livro dos Médiuns* (2020) oferece, assim, uma abordagem sistemática que transcende sua própria doutrina, fornecendo ferramentas analíticas aplicáveis a fenômenos observados em diferentes tradições religiosas.

Por exemplo, ao averiguar cultos pentecostais ou práticas afro-brasileiras como o transe de incorporação no candomblé, é possível reconhecer padrões comparáveis de fadiga corporal, intensidade da experiência e ambiguidade quanto à origem da expressão, sem reduzir essas manifestações a dogmas ou classificações religiosas próprias.

Essa leitura evidencia como a consciência humana pode se abrir ao sagrado por meios internos — êxtase ou inspiração — ou externos — comunicação mediúnica —, fornecendo uma base metodológica para análises inter-religiosa adequada aos fenômenos.

À luz da teoria espírita, esses acontecimentos cristãos (glossolalia, profecias e curas e suas especificidades) podem ser compreendidos em analogia ao sonambulismo lúcido, descrito por Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos* (2013) e no *O Livro dos Médiuns* (2020).

Como se observa na questão 425,

O sonambulismo natural tem relação com os sonhos? Como se pode explica-lo? R. **É uma independência da alma, mais completa que no sonho, e nesse caso suas faculdades estão mais desenvolvidas.** [...]. No sonambulismo, o Espírito é inteiramente ele mesmo. Os órgãos materiais estando, de alguma forma, em estado cataléptico, não recebem mais impressões exteriores. Este estado se manifesta sobretudo durante o sono e é o momento em que o Espírito pode deixar provisoriamente o corpo, ficando este entregue ao repouso indispensável à matéria (Kardec, 2013, 155).

Nesse estado, o espírito do próprio indivíduo se desprende parcialmente da matéria, sem chegar ao desligamento completo da morte, mas adquirindo uma relativa independência do corpo. Tal desprendimento possibilita ao sujeito uma percepção mais nítida de realidades imateriais, ampliando sua visão interior e permitindo experiências que transcendem os limites ordinários da consciência.

O sonambulismo lúcido constitui uma forma intermediária de emancipação da consciência, na qual o espírito (alma) mantém sua identidade plena, enquanto os órgãos do corpo físico entram em um estado alterado de percepção, reduzindo a recepção de estímulos externos. Nesse estágio, as faculdades internas do indivíduo encontram-se mais desenvolvidas do que no sonho, permitindo um alargamento das percepções e uma maior autonomia da alma em relação ao corpo.

Embora já represente um grau significativo de desprendimento, o sonambulismo não se confunde com o êxtase religioso, que, na perspectiva kardeciana, exige um nível mais elevado de independência do espírito e a projeção em esferas mais sutis da realidade espiritual (Kardec, 2013).

Essa distinção revela a existência de um *continuum* fenomenológico entre estados de consciência, oferecendo uma base para a análise sistemática das experiências espirituais e permitindo diferenciar os fenômenos de inspiração ou êxtase das manifestações mediúnicas propriamente ditas.

Quando atingido em níveis mais intensos, esse fenômeno aproxima-se do êxtase, definido por *O Livro dos Espíritos* (2013) como uma forma superior de desprendimento. Segundo questões 439-455 (Kardec, 2013, p. 158-164), no estudo sobre a emancipação da alma, o espírito (alma), além de expandir suas percepções internas, projeta-se em esferas mais sutis da realidade espiritual, experimentando uma liberdade mais ampla para suas faculdades.

Como se observa nas questões:

**439.** Que diferença existe entre o êxtase e o sonambulismo? R. É um sonambulismo mais apurado; a alma do extático é ainda mais independente; **440.** O Espírito do extático penetra, realmente, nos mundos superiores? R. Sim, ele os vê e compreende a felicidade dos que ali habitam; por isso gostaria de lá ficar. Mas existem mundos inacessíveis aos Espíritos que não são bastante apurados. [...]. **443.** Existem coisas que o extático pretende ver e que são, evidentemente, o produto de uma imaginação impressionada pelas crenças e preconceitos terrestres. Tudo o que ele vê não é, então, real? R. Tudo o que vê é real para ele; mas como seu Espírito está sempre sob a influência das ideias terrenas, ele o pode ver à sua maneira, ou melhor, dizendo, o exprimir em uma linguagem apropriada aos seus preconceitos e às ideias de onde foi nascido, ou aos vossos, a fim de melhor se fazer compreender. É nesse sentido, sobretudo, que ele pode errar (Kardec, 2013, 158).

Segundo *O Livro dos Espíritos* (2013), o êxtase é um sonambulismo mais apurado, no qual a alma se torna ainda mais independente do corpo físico. Diferentemente do sonambulismo comum, no qual o espírito se desprende parcialmente durante o sono, o extático consegue penetrar nos mundos superiores, percebendo e compreendendo a

felicidade dos Espíritos que ali habitam, despertando o desejo de permanecer nesses planos mais sutis.

Entretanto, nem tudo que o extático percebe corresponde à realidade objetiva absoluta. Algumas visões ou experiências podem refletir a influência das ideias, crenças e preconceitos terrestres. Tudo o que ele vê é real para ele, mas interpretado segundo sua experiência, cultura e linguagem, o que explica possíveis erros na percepção ao transmitir estas sensações.

Assim, o pensamento kardequiano, embora situado em um contexto específico, oferece um instrumental comparativo útil para os estudos do êxtase religioso, possibilitando leituras que unem a dimensão fenomenológica das práticas com a reflexão teórica sobre seus mecanismos de expressão.

A fenomenologia, nesse caso, permite não apenas descrever a experiência, mas captar como ela se apresenta ao sujeito: o arrebatamento do corpo em convulsões, a glossolalia que emerge em cultos pentecostais, as visões simbólicas narradas por xamãs em transe, ou ainda o automatismo da escrita mediúnica espírita.

Em cada exemplo, há um núcleo comum de ruptura da normalidade da consciência e de abertura para um campo considerado transcendente, mas os modos de corporificação e legitimação variam conforme a tradição religiosa.

Essa abordagem evidencia que o êxtase não pode ser reduzido a uma mera anomalia psicológica ou a uma representação cultural isolada, mas deve ser apreendido como experiência vivida, dotada de coerência interna e de estrutura simbólica, na qual corpo, linguagem e memória se entrelaçam como veículos de transcendência.

Ao mesmo tempo, essas vivências estão sempre filtradas pelas crenças, experiências e linguagem do indivíduo, o que reforça a necessidade de um olhar atento às dimensões subjetivas e fenomenológicas desses fenômenos. Essa perspectiva abre caminho para estudos que considerem não apenas a doutrina espírita, mas também a experiência concreta dos médiuns e praticantes, permitindo compreender como essas manifestações se apresentam, se interpretam e se integram à vida cotidiana, à luz de sua dimensão interna e perceptiva.

## **A CODIFICAÇÃO ESPÍRITA E A FENOMENOLOGIA: ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS RELIGIOSAS**

A codificação espírita, embora surgida no contexto europeu do século XIX, configurase como um corpo doutrinário que transcende o mero discurso religioso, buscando, em suas obras fundamentais, registrar, analisar e sistematizar experiências de contato com o transcendente sob uma perspectiva racional e experimental.

As obras *O Livro dos Espíritos* (2013) e *O Livro dos Médiuns* (2020), por exemplo, oferecem descrições minuciosas de estados alterados de consciência — êxtase, sonambulismo e mediunidade — que permitem uma leitura para além do campo doutrinário, funcionando como um material de natureza quase etnográfica.

Nesse sentido, a produção teórica kardequiana pode ser mobilizada como instrumento metodológico para os estudos fenomenológicos da religião, uma vez que procura compreender o acontecimento em seus próprios termos, descrevendo-o a partir da experiência vivida, sem reduzi-lo de imediato a explicações naturalistas ou a categorias externas.

Na segunda metade do século XIX, Hippolyte León Denizard Rivail (1804-1869), conhecido como Allan Kardec, desenvolveu um programa de pesquisa em que afirmava utilizar ferramentas científicas para investigar as manifestações psíquicas, especialmente a alegada capacidade de o indivíduo sentir, em maior ou menor grau, a influência de seres inteligentes imateriais, chamados de espíritos, podendo produzir fenômenos diversos como: curas, efeitos físicos, mensagens escritas ou faladas etc (Pimentel, 2014, p. 4).

Nos idos do século XIX, a concepção de ciência estava fortemente marcada pela influência do positivismo, corrente filosófica que atribuía às ciências naturais o papel privilegiado de acesso à verdade, em contraste com explicações de caráter teológico ou metafísico.

Nesse contexto, como interpreta Pimentel (2014), as chamadas ciências positivas constituíam-se como uma síntese entre o racionalismo cartesiano — que, em René Descartes, representava a interpretação teórica e dedutiva da natureza — e o empirismo baconiano, formulado por Francis Bacon (1561-1626), que prescrevia a investigação prática e a observação rigorosa dos fenômenos como fundamentos para a produção do conhecimento.

A doutrina espírita, surgida neste período, não se apresentou como um movimento religioso, mas como uma proposta de investigação sistemática dos fenômenos espirituais. Por meio de observações empíricas (isto é, registros e estudos de fatos observáveis, como mesas girantes, comunicações mediúnicas e fenômenos de êxtase) e de análises racionais

(interpretações críticas e comparações lógicas desses fatos) para sustentar a ideia de que o Espiritismo tinha um método semelhante ao científico.

A proposta de observação empírica e de análise racional das manifestações espirituais conferiu à teoria espírita um *status* de ciência moderna, em sintonia com o espírito de racionalidade e de progresso característicos do século XIX, marcado pelo positivismo, pelo iluminismo tardio e pela valorização da razão. Essa postura diferenciava o Espiritismo de práticas religiosas consideradas supersticiosas ou místicas, tornando-o mais aceitável em ambientes intelectuais e científicos da época.

Ainda que Allan Kardec não tenha sido contemporâneo de autores como William James (1842 – 1910), Rudolf Otto (1869 – 1937), Gerardus Van der Leeuw (1890 – 1950) e Mircea Eliade (1907 – 1950), entre outros, portanto, não tenha havido intercâmbio direto de ideias, é possível reconhecer consonâncias temáticas. Esses pensadores do século XX, cada um em seu campo, ofereceram categorias que iluminam aspectos já intuídos ou sistematizados pela codificação espírita.

Esses pensadores, ao tratarem da vivência religiosa — seja como vivência do numinoso (Otto, 2007), seja como manifestação do sagrado ou como fenômeno a ser descrito — oferecem categorias que permitem colocar em diálogo suas reflexões com a codificação espírita, sobretudo no que diz respeito à compreensão do êxtase, da mediunidade e da experiência de transcendência

Essa aproximação se torna ainda mais evidente quando colocamos em diálogo os textos consumados por Allan Kardec (1804 – 1869) e os grandes expoentes da fenomenologia da religião. Rudolf Otto (2007) descreve o *numinoso* como uma experiência singular do sagrado, marcada pelo paradoxo entre o *mysterium tremendum* (temor, reverência diante do totalmente outro) e o *mysterium fascinans* (fascínio, atração irresistível).

Essa ambivalência, que confere intensidade ao encontro com o transcendente, encontra eco nos relatos kardequianos de médiuns em estado de crise, que muitas vezes se percebem arrebatados pela força da comunicação espiritual e, ao mesmo tempo, fisicamente fatigados e emocionalmente abalados após a experiência. Tal como no modelo de Rudolf Otto (2007), há uma dimensão que inspira temor pela perda de controle e pela potência do invisível, mas que, ao mesmo tempo, fascina pela abertura a realidades mais amplas do que a ordinária.

Essa relação dialética entre fascínio e temor é recorrente nas descrições do *Livro dos Médiuns* (2020), quando observa que a experiência pode produzir exaltação, perturbação,

esgotamento, mas também elevação moral, consolo e aprendizado espiritual. Ao se aproximarem, os dois enfoques — o fenomenológico de Rudolf Otto (2007), e o sistematizador de Allan Kardec (2020) — permitem compreender a experiência mediúmica como uma vivência radical de alteridade, em que o sujeito se descobre diante de algo que o ultrapassa, mas que, paradoxalmente, também o constitui como ser espiritual.

Gerardus Van der Leeuw (1890-1950), em *Fenomenologia da Religião* (1964), destaca a necessidade de deixar-se manifestar o fenômeno religioso tal como é vivido, sem reduzi-lo a esquemas externos que obscureçam sua autenticidade experiencial. Esse princípio de uma fenomenologia da religião encontra ressonância na proposta kardequiana, que, ao invés de partir de explicações prévias, recolhe relatos, observações e práticas para organizar categorias próprias — como a emancipação da alma, o sonambulismo e a influência espiritual.

Exemplo disso pode ser visto em *O Livro dos Espíritos* (2013), quando Allan Kardec formula perguntas abertas aos Espíritos, não impondo antecipadamente uma resposta, mas registrando o que se manifesta no diálogo mediúmico. O mesmo ocorre em *O Livro dos Médiuns* (2020), onde são narrados estados de transe e experiências de sonâmbulos, que, longe de serem descartados como ilusões, são tratados como dados legítimos para a construção de categorias de análise. O codificador deixa que o fenômeno fale, ainda que o faça dentro de um esforço de classificação e sistematização.

Nesse sentido, pode-se afirmar que há em Kardec (2013 – 2020) uma aproximação metodológica com a fenomenologia da religião: ambos reconhecem a importância de respeitar a experiência em sua alteridade, evitando enquadrá-la apenas em interpretações exteriores.

A diferença está em que, enquanto Van der Leeuw (1964) busca descrever as manifestações do sagrado de modo comparativo e compreensivo, Kardec (2013 – 2020) propõe também um horizonte doutrinário, em que a experiência mediúmica é interpretada como evidência de uma realidade espiritual objetiva. Essa aproximação revela a fecundidade do diálogo entre fenomenologia da religião e espiritismo, ao iluminar as formas pelas quais o fenômeno religioso é não só vivido, mas também interpretado e sistematizado em chave própria.

Nesse percurso, William James (1992), em sua análise das experiências religiosas como vivências transformadoras e dotadas de significado psicológico profundo, ocupa uma posição de transição fundamental. Sua obra *As variedades da experiência religiosa* apresenta não apenas uma catalogação de relatos místicos e visionários, mas também uma reflexão

sistemática sobre a potência desses estados de consciência em remodelar a vida interior do indivíduo e sua conduta no mundo.

Essa postura, embora distinta da codificação espírita, aproxima-se da teoria de Allan Kardec na medida em que ambos se interessaram por compreender empiricamente as manifestações do espírito humano em contato com uma realidade que transcende o cotidiano.

James (1992), ao interpretar tais experiências como legítimas fontes de conhecimento subjetivo e como chaves para o entendimento da religião, antecipa categorias e sensibilidades que seriam retomadas mais tarde pela fenomenologia da religião, especialmente na valorização do sagrado como experiência existencial.

Desse modo, ainda que em temporalidades distintas, pode-se afirmar que há uma comunicação indireta entre Allan Kardec, William James e os fenomenólogos posteriores, pois todos se cruzam na tentativa de compreender a prática religiosa em sua densidade vivencial e em sua profundidade fenomenológica.

Mircea Eliade (1992), por sua vez, vê no êxtase um arquétipo universal das religiões, presente tanto nos rituais xamânicos das sociedades arcaicas — onde o xamã viaja simbolicamente pelo cosmos em busca de cura ou conhecimento — quanto nos místicos cristãos medievais, como Teresa de Ávila (1515 – 1582), mística da igreja católica, que relatavam estados de arrebatamento espiritual vividos como união direta com o divino.

Esse arquétipo reaparece ainda em práticas contemporâneas, como a glossolalia dos pentecostais, na qual a experiência de falar em línguas é interpretada como manifestação do Espírito Santo. Para Mircea Eliade (1992), esses diferentes contextos revelam um mesmo esquema simbólico: a ruptura da condição ordinária e o acesso a uma realidade sagrada.

Para investigação dos fenômenos mediúnicos, de Allan Kardec, entretanto, ao propor um método de classificação que distingue entre êxtase, sonho, alucinação e comunicação mediúnica, desloca a análise do plano da universalidade simbólica para o da verificação fenomenológica. Essa mudança de perspectiva é significativa: enquanto a leitura simbólica, como a de Mircea Eliade (1992), privilegia os arquétipos e a repetição estrutural dos mitos, a abordagem kardequiana busca identificar como e em que condições determinados estados de consciência ocorrem.

Assim, aquilo que no xamanismo é descrito como viagem da alma, no espiritismo pode ser interpretado como emancipação espiritual em estado de sonambulismo lúcido; o

arrebatamento místico cristão poderia ser entendido como êxtase propriamente dito; e a glossolalia pentecostal, como manifestação mediúnica ligada à fala inspirada.

Enquanto Mircea Eliade (1992) oferece a moldura arquetípica que evidencia a função estruturante do êxtase nas culturas, a codificação introduz instrumentos de diferenciação que permitem avaliar nuances do fenômeno, articulando a experiência espiritual com critérios de análise sistemática.

Por isso, a obra espírita formula critérios observáveis, como o grau de lucidez do sujeito, a natureza das mensagens transmitidas, a relação entre a consciência ordinária e a experiência espiritual e até mesmo os efeitos físicos e emocionais que se seguem ao fenômeno.

Tal proposta metodológica sugere que não se trata apenas de interpretar o êxtase como um traço comum das religiões, mas de submetê-lo a uma hermenêutica experimental, em que relatos, comparações e observações de casos concretos ajudam a delimitar fronteiras conceituais.

Ao diferenciar o sonho como atividade do inconsciente, a alucinação como distúrbio perceptivo, o êxtase como desprendimento da alma e a mediunidade como comunicação com inteligências externas, a codificação espírita oferece uma tipologia que não pretende anular a universalidade simbólica, mas propor uma lente de verificação que aproxima o estudo desses eventos do campo da fenomenologia da religião e da psicologia espiritual.

Essa tipologia não é apenas classificatória. Funciona como método de investigação, permitindo ao observador analisar um relato e determinar se se trata de uma experiência de interioridade (como o sonambulismo ou o êxtase) ou de uma comunicação intersubjetiva (a mediunidade propriamente dita).

Nesse sentido, a proposta kardequiana antecipa, de forma empírica, um método fenomenológico de observação e interpretação do êxtase e outros eventos religiosos, ao mesmo tempo em que oferece parâmetros para distinguir suas fronteiras com a psicologia, a patologia e a experiência espiritual universal.

Assim, o método kardequiano de distinção entre estados psíquicos e manifestações espirituais fornece um instrumental para a fenomenologia comparativa do êxtase religioso, permitindo analisar de forma empírica tanto as manifestações internas de interioridade quanto as comunicações que os praticantes atribuem a agentes espirituais externos.

Essa perspectiva possibilita uma leitura fenomenológica destes eventos, permitindo analisar como diferentes experiências espirituais — sejam mediúnicas, místicas ou intuitivas —

se manifestam no indivíduo, preservando suas nuances contextuais e simbólicas. Assim, a codificação espírita fornece ferramentas teóricas que dialogam com a antropologia e a fenomenologia da religião, abrindo caminho para estudos que considerem tanto a universalidade do fenômeno quanto sua especificidade na vivência dos sujeitos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise desenvolvida neste artigo permitiu compreender a codificação espírita não apenas como um conjunto de princípios doutrinários, mas como um esforço sistemático de investigação que se insere no horizonte científico e filosófico do século XIX. Ao articular empirismo, racionalismo e experiência vivida, Allan Kardec delineou um método que, ainda que marcado por seu tempo, antecipa preocupações mais tarde assumidas pela fenomenologia da religião, sobretudo no que se refere à descrição e classificação de estados alterados de consciência, como o sonho, o sonambulismo, o êxtase e a mediunidade.

No interior da doutrina espírita, o êxtase é compreendido como um grau mais elevado de desprendimento da alma em relação ao corpo, distinto tanto do sonho quanto do sonambulismo. Kardec (2020) o descreve como estado em que a alma alcança planos mais sutis da realidade espiritual, o que pode produzir visões ou percepções de ordem transcendente.

Tal concepção insere o êxtase em uma continuidade fenomenológica com outros estados alterados de consciência, mas lhe confere estatuto singular dentro da codificação, ao distingui-lo da mediunidade propriamente dita, que pressupõe a comunicação entre encarnados e desencarnados. Essa leitura doutrinária permite reconhecer o êxtase não apenas como experiência subjetiva, mas como indício da realidade espiritual, reforçando a especificidade da hermenêutica kardequiana diante de fenômenos religiosos comparáveis.

Dessa forma, a teoria espírita pode ser interpretada como uma via singular para refletir a fenomenologia do êxtase, oferecendo parâmetros que permitem distinguir entre dimensões subjetivas, comunicativas e transcendentais da experiência. Tal contribuição, além de evidenciar a originalidade do espiritismo no contexto do século XIX, mostra sua relevância contemporânea como interlocutor no campo interdisciplinar dos estudos da religião.

Esse diálogo interdisciplinar abre espaço para que a codificação espírita seja também mobilizada em reflexões transversais sobre a relação entre ciência e espiritualidade, razão e experiência, subjetividade e transcendência. Ao propor um método de observação empírica

aliado à classificação racional de fenômenos religiosos, Allan Kardec antecipa questões que hoje mobilizam áreas como a psicologia da religião, a antropologia do sagrado, a filosofia da mente e até mesmo os estudos em neurociência da espiritualidade.

Além disso, a fenomenologia kardequiana do êxtase pode contribuir para debates contemporâneos sobre saúde, bem-estar e espiritualidade em contextos pluralistas, onde práticas religiosas e experiências espirituais se manifestam de modo múltiplo e muitas vezes invisibilizado. Ao oferecer critérios para compreender e diferenciar estados de consciência, a codificação ajuda a iluminar os entrecruzamentos entre cultura, experiência subjetiva e cuidado humano, aproximando-se de preocupações éticas e sociais do nosso tempo.

Pensar o compêndio da codificação como via fenomenológica significa reconhecer que sua contribuição não se limita ao âmbito doutrinário, mas oferece um instrumental conceitual que dialoga tanto com a tradição comparativa da fenomenologia da religião quanto com as demandas contemporâneas de compreender o sagrado em sua diversidade de formas e contextos.

Todavia, é importante ressaltar que este artigo não esgota a reflexão sobre o tema. A aproximação entre a codificação espírita, a fenomenologia da religião e os debates contemporâneos sobre espiritualidade constitui apenas um ponto de partida, que deve ser ampliado em diálogo com outros referenciais das Ciências da Religião e com pesquisas interdisciplinares futuras.

Nesse sentido, a obra kardequiana se apresenta não apenas como documento histórico, mas como uma matriz interpretativa ainda fecunda para o estudo das experiências humanas do sagrado e de transcendência.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. *Edição Pastoral*. 3. ed. Tradução de Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

DURKHEIM, Émile. (1996). *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. Petrópolis: Vozes, 1996.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Tradução de Fernando Tomaz; Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JAMES, William. *As Variedades da Experiência Religiosa: Um Estudo da Natureza Humana*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Salvador Gentile. Brasília: FEB, 2009.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2020.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Petrópolis, 2007.

PIMENTEL, Marcelo Gulão. *O método de Allan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854-1869)*. Juiz de Fora. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Saúde) - Universidade Federal de Juiz de Fora de Minas Gerais.

VAN DER LEEUW, Gerardus. *Fenomenologia da Religião*. São Paulo: Perspectiva, 1964.

ZANGARI, Wellington; MARALDI, Everton de Oliveira; MARTINS, Leandro Breno; MACHADO, Fátima Regina. Estados alterados de consciência e religião. (in) *Compêndio de ciências da religião*. (Orgs) PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. São Paulo: Paulus, 2013.

## ABSTRACT

Embedded in the scientific and philosophical landscape of the 19th century, marked by positivism, Cartesian rationalism, and Baconian empiricism, the Spiritist codification is analyzed in this article as a body of doctrine capable of offering investigative methodologies for understanding religious ecstasy. Methodologically, the study is based on a bibliographical review and theoretical reflections on experiences such as dreams, sleepwalking, ecstasy, and mediumship, proposing comparative parameters that engage with questions later developed by the phenomenology of religion. The findings suggest that Spiritist theory, by integrating empirical observation, rational reflection, and the experiential dimension, can be understood as an original path for the phenomenology of ecstasy, bringing relevant contributions to the interdisciplinary field of religious studies.

**Keywords:** Dialogue; Investigation; Analysis; Kardecism; Experience.

Recebido em 12/09/2025

Aprovado para publicação em 15/10/2025